

Apesar da crise, apetite por fusões continua alto

Para escritórios de advocacia e boutiques, interesse diversificado de investidores contribui para manter operações a todo vapor

Luciano Feltrin
lfeltrin@brasileconomico.com.br

O agravamento da crise sacode bolsas, assusta investidores e azeda a relação entre líderes da Zona do Euro, mas ainda não foi capaz de atingir o mercado de fusões e aquisições brasileiro. Duas semanas após a segunda-feira negra, que fez ações despencarem mundo afora, não há sinais de que empresas e fundos vão reduzir o apetite por ir às compras no país.

Ao contrário: o que se vê são intermediários de operações como escritórios de advocacia e boutiques trabalhando a todo vapor. A paralisação de negócios, comum em tempos de estresse, não tem sido registrada. Segundo especialistas, a esperança de que entrar no mercado brasileiro se torne mais barato aquece sondagens sobre aquisições.

Uma das explicações para o interesse em fusões é o fato de que as transações envolvendo empresas brasileiras não estão limitadas a um ou outro segmento econômico, explica Alexandre Pierantoni, sócio de finanças corporativas da PwC. “Os setores de tecnologia da informação, química, petroquímica, bancos e alimentos registram a maior parte dos negócios, mas há operações em andamento em praticamente todas as cadeias produtivas”, diz. Para ele, os meses de agosto e setembro devem confirmar a tese de que o ritmo do mercado doméstico de fusões é sustentável.

No que depender do volume de operações em andamento, há motivos para otimismo. Com contratos de investimentos em shoppings fechados nos dias de maior turbulência, o Mattos Filho está tocando 70 operações. Em diferentes estágios e de setores variados como agronegócio, serviços, saúde e empresas que oferecem birô de crédito.

“O investidor que estava interessado em ativos no Brasil e que busca o longo prazo continua disposto a vir. Os negócios demo-

“**Mesmo com muita incerteza no ar, os fundos estrangeiros que têm caixa continuam em busca de negócios**”

Ricardo Reis
Líder de fusões e aquisições da Ernst & Young Terco

ra serem finalizados. Não faz sentido desistir apenas por conta do cenário momentâneo”, afirma Pedro Dias, sócio do escritório.

Espanhóis e italianos, alguns dos mais abatidos pela crise em seus países, estão entre os clientes que mais prospectam novos negócios em solo brasileiro. Já os investidores asiáticos — de chineses e coreanos passando por indianos a japoneses —, embora continuem animados, mudaram sua estratégia de investimento no Brasil.

“Antes, adquirir o controle era fundamental. Agora eles veem com bons olhos a possibilidade de joint ventures. Preferem chegar comprando um pedaço da empresa, mantendo o antigo dono que entende da operação”, compara Shin Jae Kim, sócia do Tozzini Freire que comanda área responsável por atender clientes asiáticos. O escritório, que já fechou um total de 54 operações no ano, tem outras 83 no forno.

Crescimento sustentado

Outro fator que joga a favor do mercado local de fusões é o grande número de pequenas e médias empresas que precisam recorrer a aquisições para sobreviver ou ganhar escala. Auxiliando compradores ou vendedores de companhias com esse perfil — que faturam até R\$ 500 milhões por ano — a Ernst & Young Terco não percebeu redução de apetite em aquisições.

“Nenhuma das 10 transações das quais participamos foi interrompida pela turbulência recente. Mesmo com muita incerteza no ar, os fundos estrangeiros que têm caixa continuam em busca de negócios”, diz Ricardo Reis, líder de fusões e aquisições da empresa. A mesma sensação tem Luiz Felipe Alves, sócio da boutique Cypress, com seis operações em andamento. “Diferentemente do que aconteceu em 2009, quando o mercado para compras travou, o dinheiro que se prepara para chegar é de longo prazo.” ■



Henrique Manreza

Shin, da Tozzini Freire, diz que investidores asiáticos já trocaram exigência de controle por parcerias no país

SEM CRISE

Copa do Mundo e Olimpíada devem ajudar a manter ritmo

O conjunto da obra, com estrangeiros à procura de bons investimentos e o Brasil precisando de dinheiro para reduzir gargalos e se preparar para Copa do Mundo e Olimpíada, é favorável à manutenção do ritmo de fusões no Brasil. “O país vai enfrentar essa crise sem praticamente sentir nesse mercado”, aposta Francisco Müssnich, sócio do Barbosa, Müssnich & Aragão. “Muitos dos investimentos terão de acontecer e dependem mais de definições de marco regulatório do que do interesse de investidores”, diz, referindo-se a obras em infraestrutura. A expectativa do escritório, que neste ano assessorou, entre outras, a Oi na operação com a Portugal Telecom e a Gol na aquisição da Webjet, é que, se a crise reduzir os preços das empresas brasileiras, o movimento pode ser ainda melhor. **L.F.**

Oportunidade dentro e fora do país

Com moeda valorizada e a crise, muitas companhias têm recebido ofertas de internacionalização

Crise para uns, oportunidades para outros. A máxima pode parecer batida, mas certamente é a que melhor define a situação vivida por empresas brasileiras dentro e fora do país. Com a moeda valorizada e o mundo em crise, muitas companhias têm recebido ofertas de internacionalização. No setor financeiro, por exemplo, tem acontecido com alguma frequência.

Bancos brasileiros de diversos portes estão sendo sondados para entrar no mercado financeiro americano adquirindo as chamadas “broker dealers”, espécie de boutique que distribui produtos financeiros e capta recursos de terceiros. Uma dessas corretoras, sediada em Nova York e com 30 funcionários, foi oferecida ao BVA, banco de médio porte e capital fechado no país.

A negociação, que está em fase inicial, pode até não vingar. No entanto, o preço pedido — US\$ 5 milhões — foi considerado atrativo e evidencia a mudança de patamar da economia brasileira. As corretoras estão pressionadas por recentes regulações que cobram maior volume de capital para operar. Bancos de maior porte também têm sido sondados sobre a possibilidade de comprar instituições desse tipo com até 300 funcionários. O preço médio gira em torno de US\$ 50 milhões.

Se fora do país os bancos brasileiros recebem propostas, o fluxo inverso também é verdadeiro. De olho nas boas perspectivas e atentos aos novos investimentos

Há movimentos como a chegada de bancos chineses e retorno de instituições estrangeiras ao país

asiáticos por aqui, bancos chineses preparam sua chegada. Querem intermediar fusões de empresas da região de origem e acreditam que ter operações no Brasil é fundamental.

Dois dos maiores, o Banco da China e o Industrial and Commercial Bank of China, maior do mundo em valor de mercado, já têm permissão para atuar no Brasil. Pelo menos mais uma instituição chinesa está solicitando o mesmo ao Banco Central.

Não são apenas asiáticas que estão chegando. Bancos europeus que já tiveram operações e por algum motivo saíram estudam o retorno, diz Tarcísio Beraldo, sócio do escritório Dinamarco, Rossi, Beraldo e Badaque. E a fusão não tem sido a única forma utilizada por estrangeiros para aproveitar novas oportunidades no Brasil. Há empresas que, por ter dificuldades em encontrar parceiros locais, preferem começar do zero.

Esse foi o caso da Esky. A agência polonesa especializada em venda de pacotes de viagem pela internet tentou chegar ao país adquirindo um negócio similar. Não conseguiu. Resolveu pedir registro à Embratur e já se prepara para desembarcar no Brasil, segundo apurou o BRASIL ECONÔMICO. ■ **L.F.**

MERCADO EM ALTA

Evolução das transações no país



